

Identidades e vínculos regionais no Teatro para as Infâncias

Cleiton Echeveste

Membro da Diretoria da ASSITEJ Brasil

Agosto de 2026

Entre os dias 20 e 26 de julho tive a alegria e o privilégio de participar do V Festival Niñas y Niños Al Teatro, realizado em Assunção, no Paraguai. Os dois espaços cênicos da Sala La Correa, na região central da capital paraguaia, e também seu amplo espaço externo, se converteram em um território de jogo, de partilha, de encantamento, de descobertas, de provocações e de indagações. Teatro, música, dança, livros, desenhos, brincadeiras foram algumas das atividades afetiva e generosamente compartilhadas entre pessoas de várias gerações, vindas da Argentina, do Brasil, da Colômbia e de várias localidades do próprio Paraguai. O Festival realizou também atividades no Centro Cultural da Espanha em Assunção.

Escrevo este relato como representante da ASSITEJ Brasil e membro da Rede Ibero-Americana de Artes Cênicas para a Infância e a Juventude da ASSITEJ, e como um artista e pesquisador interessado em diálogos regionais, e que tem buscado colaborar para a criação de um centro nacional ASSITEJ no Paraguai. Nesse sentido, pude participar do primeiro encontro do *Colectivo de Teatro para las Infancias de Paraguay*, que reuniu diversos artistas, docentes e gestores atuantes em várias cidades do país, durante o Festival, onde pude apresentar brevemente a proposta e a missão da ASSITEJ, e compartilhar nossa experiência como centro nacional ASSITEJ no Brasil há três décadas. Em paralelo à programação artística do Festival, esta reunião ofereceu a muitos dos participantes um primeiro contato presencial e, principalmente, um espaço para o que se deseja que seja o início de um movimento associativo envolvendo fazedores de teatro para as infâncias de todas as regiões do país.

Não posso deixar de destacar o comprometimento, o espírito colaborativo e a vibração da equipe encarregada da realização do evento. Estes são talvez o grande diferencial, a *sazón* desse encontro, promovido com imenso cuidado e profissionalismo, dentro de um contexto de ausência de políticas públicas para a cultura por parte dos órgãos governamentais do Paraguai. Com isso, não pretendo romantizar ou mascarar nem a dificuldade, nem a escassez. Ao contrário, dar o devido destaque a todas e a todos que se doam a esta proposta revela muito do caráter e da combatividade de um país submetido a séculos de exploração

por agentes externos e internos. Este perfil fica evidente na potência e na qualidade gregária deste evento, realizado a contapelo em um país com pouca tradição nas artes cênicas para crianças e jovens, em um momento histórico particularmente desfavorável à promoção da cidadania de crianças e jovens através da cultura e das artes.

Vale nos indagarmos: com quantos artistas e grupos paraguaios nos encontramos nos eventos internacionais das nossas redes? Quantas propostas vindas do Paraguai recebemos nas nossas convocatórias, festivais, congressos, fóruns, seminários, colóquios, encontros? As respostas talvez elucidem o quanto normalizamos esta ausência, certamente não pelo desejo de isolamento por parte de artistas e grupos paraguaios, mas pela simples escassez de meios e de recursos, de parcerias e de incentivos, para uma maior abertura para o cenário internacional e mesmo para uma melhor estrutura para circulação nacional. Diante disso, é frustrante constatar o quanto todos nós perdemos. E perdem, sobretudo, as crianças e a juventude paraguaias por terem acesso restrito à riqueza e à diversidade da sua própria cultura, o que dizer então sobre o acesso negado a elas a outras culturas, até mesmo dos seus países vizinhos. Negado a elas o acesso à produção a elas dedicada, é negado o direito à construção da sua própria identidade, à constituição de vínculos com culturas com as quais tanto têm a contribuir e das quais tanto têm a aprender. Escrevo este texto bastante movido pelo fato da nossa comunidade internacional ASSITEJ ainda não ter se vinculado, de maneira significativa, a artistas, grupos e coletivos paraguaios. Seguimos, mesmo nós no Brasil, alheios ao que se passa na margem esquerda dos rios Paraguai e Paraná. Feito este desabafo, que é na verdade uma convocação, abordo um pouco do que eu pude presenciar durante o Festival.

Foram 7 dias intensos, com onze espetáculos, vindos de três países (Argentina, Colômbia e Paraguai), sempre com casa cheia; 3 oficinas; e uma reunião de articulação do setor, além de muitos espaços informais de conversa e de troca, entre um mate e um tererê. No campo da produção e da gestão, pude observar a existência de alguns fundos de financiamento para o setor cultural, como é o caso da Fundação Itaú Paraguay e de apoios à programação por parte de algumas embaixadas, através de seus centros culturais. Boa parte das ações na área, como alguns festivais (o próprio Festival Niñas y Niños Al Teatro, com 5 edições; o Festival Añandu Unipersonales, também com 5 edições; o Festival Internacional de Teatro de Encarnación, com 13 edições; e o novo Festival Internacional de Teatro de Títeres para las Infancias, em Capiatá) e produções teatrais, articulam-se a partir de uma rede de apoios e parcerias com empresas privadas, mas principalmente pelos esforços de artistas, de gestores e de grupos que conduzem seus próprios espaços e tecem colaborações entre si para driblar a escassez de recursos. Neste cenário, o patrocínio do Programa Ibercena tem

sido fundamental, ao viabilizar diversas ações de internacionalização de duas edições do Niñas y Niños Al Teatro, em 2025 e 2026.

A programação do Festival refletiu uma cena diversa, muito vinculada a histórias clássicas, à dança e à música. Se por um lado os espetáculos, principalmente os nacionais, demonstram ótima capacidade de comunicação com o público, por outro percebe-se o quanto a cena poderia se beneficiar com a abordagem de outros temas e outras histórias, com a investigação de outras linguagens e, com certeza, com o tempo e os recursos materiais necessários para seu aprimoramento. A reação entusiasmada, vibrante e uníssona da plateia, infantil e adulta, muitas vezes hiper-estimulada pelos próprios artistas em cena, não deixa dúvidas quanto ao interesse do público pelo teatro e pelas artes cênicas. Trata-se de uma cena teatral que muito se beneficiaria de trocas e intercâmbios mais consistentes, regulares e sustentáveis com outros artistas e grupos, nacionais e internacionais, afinal para fazer teatro é preciso assistir teatro, discutir teatro, quanto mais diverso, melhor.

O V Festival Niñas y Niños Al Teatro foi, pelo quinto ano seguido, um espaço para se celebrar o encontro com as crianças através das artes cênicas. Mesmo em um contexto de limitações orçamentárias, o Festival oferece um horizonte, uma perspectiva de consolidação de vínculos, que nos permite pensar – a partir do impacto positivo desta edição (assim como das anteriores) – em articulação, escuta, formação, investigação e uma boa dose de ousadia, confiando cada vez mais na inteligência simbólica da criança.

Desejo vida longa e muitas novas parcerias para os nossos colegas paraguaios. Agradeço imensamente a acolhida fraterna e generosa dos amigos Martín Pizzichini, Jazmin Mello, Joni Carmona, Ingrid Sotelo, Mike Couto, Cami Lambiase, Meche, e a todas e todos colegas paraguaios, argentinos e colombianos com quem eu tive a alegria de partilhar estes dias. Um agradecimento especial aos participantes da minha oficina de dramaturgia: Fatima Estigarribia, Andy Colinas, Behil Martinez, Carlos Panta, Luisito Álvarez, Mariel Von Nowak e Séverine Moser. Até breve!